



A AFETIVIDADE NA VIDA DO ALUNO: UM FORTE ALIADO NO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM

José Augusto Neto; Júlio César Lima Fernandes; Marlene Helena de Oliveira França

Universidade Federal da Paraíba. E-mail: augustonetoprofessor@gmail.com; Faculdade Maurício de Nassau.

E-mail: julhinholima@hotmail.com; Universidade Federal da Paraíba. E-mail: marlenecel@hotmail.com

RESUMO

Este artigo apresenta uma reflexão sobre: “A afetividade na vida do aluno: um forte aliado no processo ensino aprendizagem”, propondo elementos que viabilizem o ensino e a aprendizagem numa perspectiva diferenciada. O presente trabalho objetiva mostrar algumas definições sobre afetividade, emoções, escola, ensino-aprendizagem, educação e prática pedagógica, partindo das incursões teóricas sobre relações conflituosas, porém necessárias, entre a afetividade, a prática pedagógica e o educando. A socialização das experiências adquiridas ao longo das leituras e pesquisas realizadas, por meio de revisão bibliográfica foi o principal recurso metodológico utilizado para fundamentar nosso trabalho, bebendo em fontes como Sócrates, Paulo Freire, Monteoliva, Augusto Cury e Escher que ofereceram contribuições valiosas e imensuráveis através de suas concepções e ensinamentos, mas nos valem igualmente, de experiências concretas vivenciadas em nossa prática docente, recursos indispensáveis para uma compreensão coerente e aprofundada sobre o ato de ensinar e aprender. Essa incursão nas leituras associada à nossa experiência docente nos possibilitou alguns achados, dentre eles, a conclusão de que o processo educacional, associado à prática pedagógica e às relações com as famílias se apresenta como importante ferramenta de reflexão e suporte no que tange ao aspecto emocional dos discentes. Conclui-se, pois que, o trato com os afetos e emoções dos educandos se configura como ferramenta de construção de uma formação educacional de qualidade e eficaz, obrigando aos docentes ter um olhar e uma prática diferenciada em relação a esses sujeitos, no sentido de permitir que possam manifestar sentimentos como a afetividade, frequente e historicamente reprimidos pela escola.

Palavras-Chave: Afetividade, Escola, Prática pedagógica.

1 INTRODUÇÃO

Desde quando os seres humanos se perceberam enquanto tal, pararam e se perguntaram: o que é o homem? A primeira resposta e a mais comum que nos vem, é que o homem é um animal racional. Sabemos que essa afirmação é uma verdade universal, no entanto, incompleta e não convincente. Pois, esse é também e, acima de tudo um ser de desejos, vez que, desde a origem, os homens sempre tiveram enormes preocupações com sua vida afetiva, as emoções, as paixões, o amor, a sexualidade, além de transtornos e alegrias.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

A mente humana é um dos mais complexos segredos a serem desvendados pelo homem. Essa complexidade tem como um dos motivos de maior ênfase a afetividade do ser, pois a mesma é responsável por toda a estrutura psíquica do homem. Uma afetividade bem formada em suas estruturas primordiais, com colunas de sustentação sólidas, é responsável por um bom relacionamento com todos os seres. No entanto, paradoxalmente, no mundo pós-moderno, é possível constatar, que o homem tem transformado sua mente em máquinas controladas e controladoras. E o reflexo desse comportamento tem sido entre outras consequências, o surgimento de escolas e alunos, totalmente desumanos e sem um mínimo de sensibilidade e afetividade pelos seus pares.

Não obstante, as paixões marcam, profundamente, a vida do homem. Pois, a mesma faz parte da realidade humana e está presente nas relações cotidianas que os sujeitos estabelecem entre si. Elas surgem independentemente de nossa vontade e do nosso estado de espírito. Sendo assim, devemos nos prevenir para controlar nossas paixões e emoções, para que se possa desenvolver uma necessária maturidade, pois se não a dominamos, seremos por elas dominados. E, como uma das características principais das paixões é a obsessão, se não temos o controle sobre elas, nos tornamos vulneráveis, além de manifestar comportamentos desestruturantes.

Nas famílias, na comunidade e na escola, existem inúmeros tabus sobre esse assunto, não havendo espaços de discussões para que os adolescentes não sejam mais impedidos de exprimir sua afetividade, de modo que ao fazê-lo não sintam medo de si mesmo e do que os outros possam pensar sobre suas atitudes e, dessa forma, estruturar toda a sua vida psíquica e emocional.

Assim, a vida afetiva tem se multifacetado/fragmentado. Uma fragmentação que nos assusta e nos angustia, vez que em primeira, desperta um sentimento de impotência e de mal-estar. Tal constatação nos motiva a indagar acerca de algumas questões: o que está por trás dessa falta de sensibilidade desses alunos? Porque as pessoas tem se mostrado cada vez mais intolerantes? Existe algo que se possa fazer para mudar essa realidade? É, pois em busca de respostas para essas indagações que nos motivamos a escrever esse artigo.

Por fim, como já nos referimos anteriormente, neste trabalho discorreremos sobre a afetividade e suas consequências no tocante à superação do preconceito e da evasão escolar, bem como as implicações nas áreas: afetiva, sentimental, emocional, sexualidade, profissional, escolar, familiar, social e outras tantas que formam o complexo âmbito da vida afetiva. Logo, é nosso intuito apontar acerca da importância de desenvolver no indivíduo, de



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

forma positiva, a afetividade humana, que é motor auxiliar na formação e na vida familiar, escolar e social dos alunos.

Visando fundamentar teoricamente nossa discussão nos ancoramos nos ensinamentos de autores como: Monteoliva (1990) que aborda a problemática da afetividade em sua dimensão inter-relacional; Bock (2002), a qual acredita que os afetos são deformadores do conhecimento; Paulo Freire (2001), que apresenta o processo de ensino-aprendizagem como uma atividade contínua e permanentemente inacabada, mas, sobretudo influenciando a autonomia do aluno; Sócrates tratando a dualidade amor-ódio como uma relação contraditória, mas paradoxalmente harmoniosa e necessária; Escher (2006), que trabalha o papel da escola como formadora da cidadania na vida da criança; por fim, Augusto Cury (2005), apresentando a temática da felicidade como mecanismo de apoio e contributo na afetividade do sujeito.

2 PRESSUPOSTOS CULTURAL-ETIMOLÓGICOS DA AFETIVIDADE

Para os intentos de pesquisa outrora anunciados, a primeira coisa que procuramos fazer é descobrir o sentido etimológico do termo. Contudo, em se tratando da afetividade torna-se um pouco complexo defini-la, pois, é algo inato ao homem que brota como o desabrochar de uma rosa, uma compulsão nervosa e desordenada. Tendo existido desde as civilizações mais antigas. Ainda assim, consideramos importante buscar uma definição a partir da opinião de alguns autores

A base da vida psíquica, compreende todas as reações que brotam do instinto e do inconsciente. Através dela nos relacionamos com os outros, o mundo e nós mesmos. A afetividade propicia as nossas ações e os nossos pensamentos, seu sabor, sua razão de ser e seu entusiasmo (LA PSYCHOLOGIE *apud* MONTEOLIVA, 1990, p. 43).

O que acabamos de conceituar nos remete a uma compreensão íntima do alcance e extensão do termo afetividade. Esta apresenta em seu universo, tamanha abertura para a vida psíquica do ser que podemos confundi-la com sensações, emoções, paixões, tristezas, frustrações, decepções e sexualidade, enfim, uma infinidade de comparativos podem ser mencionados, contudo, precisamos entender de maneira clara que esta compreensão é ampla e engloba todas essas reações do homem, sejam elas conscientes ou inconscientes, mas de forma nenhuma, a afetividade pode ser restrita a uma ou outra reação.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Uma das manifestações afetivas que se apresenta com toda a força e, é determinante na vida do ser, é a sexualidade. Esta precisa ser trabalhada em vista de uma filosofia voltada para a educação sexual e das emoções, a sexualidade se constitui em um dos mais ricos aspectos definidores do ser humano, é importante perceber que esta é um modo de ser, uma condição humana, que lida, sobretudo, com os aspectos afetivos. Embora todas as informações sejam importantes, concordamos com o que diz Flávio Castro: “o mais importante é uma educação que lide com aspectos afetivos e os valores pessoais diante da sexualidade” (CASTRO *apud* MONTEOLIVA, 1990, p. 15).

Desse modo, sabemos que nunca poderemos definir satisfatoriamente a afetividade, visto que ela brota espontaneamente, dependendo de cada indivíduo. E, manifesta-se das mais diversas formas, em maior ou menor escala, ou seja, não há um padrão ou uma norma que defina em que medida e como se manifesta a afetividade de cada aluno. Assim, a escola e os professores, de maneira mais específica, precisam saber lidar com as suas próprias emoções e sentimentos, para posteriormente compreender o vasto e diversificado campo da afetividade na família, na escola e na sociedade.

A organização e estruturação da afetividade são etapas para a compreensão da vida psíquica dos discentes. Nesta perspectiva, para que a prática pedagógica consiga alcançar tal patamar de elevação, a saber, a compreensão e convivência com a vida psíquica escolar, é preciso primeiramente, tentar descrever e caracterizar de forma geral a afetividade. Quando agimos deste modo, geralmente, corremos alguns riscos. No entanto, procuraremos “dessexualizá-la” e “desgenitalizá-la”¹ o quanto for possível. Para tanto, partiremos da compreensão de sua extensão e complexidade. É preciso enfatizar que não é nossa pretensão abordar a questão da identidade de gênero, mas tão somente apresentar a afetividade como maneira conjunta de manifestação das emoções e sentimentos, percebendo que cada aluno, independentemente de sua orientação sexual, possui sentimentos, desejos, escolhas e expectativas e, que, portanto tem o direito de manifestar sem sofrer quaisquer preconceitos.

Assim, percebemos a enorme desatenção que existe com relação à temática aqui discutida, como nos mostra Bock (2002, p. 191):

O estudo da razão tem sido privilegiado no interesse dos homens, principalmente na ciência, pois os afetos têm sido vistos como deformadores do conhecimento objetivo, mesmo na psicologia, não são todas as teorias que consideram a importância da vida afetiva, tendo, muitas delas, priorizado o estudo da cognição, das funções intelectivas.

¹ Esses termos são habitualmente usados pelos autores que trabalham com a temática de gênero e sexualidade.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Há um reconhecimento de que as funções intelectivas, ou seja, a razão tem grande incidência nas nossas vidas, pois, é esta que controla nossos impulsos e instintos, auxilia nossas faculdades cognitivas para podermos estruturar de maneira mais ordenada nossos pensamentos. Contudo, não podemos ser racionalistas ao extremo, a ponto de esquecer completamente nossa afetividade. O homem que se deixa levar de tal modo pelo *logos* que não consegue expressar e ter controle sobre seus sentimentos, suas emoções, acarretará falhas e desvios na sua faculdade intelectual.

Dessa maneira, para existir respeito e harmonia na prática pedagógica é indispensável que tenhamos clara a autonomia dos educandos, bem como estabelecer uma estrita relação entre o exercício da liberdade, por parte do aluno, e da autoridade, pelo educador.

Neste sentido, é preciso concordar com as ideias de um dos maiores teóricos da educação, nosso mestre Paulo Freire, que diz: “No fundo, o essencial nas relações entre educador e educando, entre autoridade e liberdade, entre pais, mães, filhos, filhas é a reinvenção do ser humano no aprendizado da autonomia” (1996, p. 105).

2.1 Dualidade entre amor e ódio: Dois lados de uma mesma moeda

Como ficou claro, a afetividade é uma maneira de ser e um modo de estar. Representa por isso, um dos fatores responsáveis pelo sentido da vida e existência dos alunos; que acontece pelo modo de estar interagindo e relacionando-se com outros, com o meio ambiente e com as condições histórico-culturais de cada grupo que compõe a sociedade.

É no sentido de relacionar-se que entra em cheque a dualidade amor e ódio. Tais aspectos se apresentam como dois lados de uma mesma moeda e que representa a vida afetiva do ser humano. A vivência do amor puro e verdadeiro, como transcendência e posterior alcance do belo, leva o homem a compreender o outro e a si mesmo.

Por isso, constatamos que essa falta de clareza entre esses dois sentimentos opostos, apesar de necessários, encontra-se de maneira marcante na realidade escolar, onde os conflitos, na maioria das vezes, não são superados.

A fim de tornar nossa fala mais contundente, eis o eloquente discurso de Sócrates

Quando então alguém, subindo a partir do que é belo através do correto amor aos prazeres, começa a contemplar aquele belo, quase que estaria a atingir o ponto final. Eis, com efeito, em que consiste o proceder corretamente nos caminhos do amor ou por outro se deixar conduzir: em começar do que é belo e, em vista daquele belo, subir sempre, como se servindo de degraus, de um só para dois e de dois para todos os corpos belos, e dos belos corpos para



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

os belos ofícios, e dos ofícios para as belas ciências, até que das ciências acabem naquela ciência que de mais nada é senão daquele próprio belo, e conheça enfim o que em si é belo (SÓCRATES *apud* REZENDE, 2004, p. 62).

Podemos concatenar essas ideias de Sócrates com a dualidade amor e ódio a partir do seguinte raciocínio: é na tentativa de descobrir por que amamos, a quem amamos e o que nos leva a amar, que o sentimento do amor, pode se transformar em repúdio e depois gerar o ódio. Porém, para que possamos fazer do amor um sentimento de conquista e aproximação, precisamos amar de forma espontânea, sem querer ou exigir nada em troca, pois só assim, é possível superar as adversidades, com vistas a alcançar sempre o fim último, ou seja, o equilíbrio da afetividade humana.

Vivemos numa realidade em que os educandos, no geral, são oriundos de comunidades e famílias que ignoram a importância de experimentar sentimentos como o afeto, as emoções, os desejos, tratando como algo irrelevante para o desenvolvimento dos seus filhos e filhas ou o que é pior, afirmando que é pura “frescura”. Ao agir dessa forma, costumam, na maioria dos casos, empregar outras formas de experiências para esses sujeitos, como a ocupação profissional, sugerindo que a afetividade, as emoções e as paixões só se manifestam naquelas pessoas que não “tem nada pra fazer”, que vivem em plena ociosidade. Ora, esse pensamento é de uma ignorância sem tamanho. Concordar com essa ideia absurda é o mesmo que dizer que o trabalho aliena, embrutece a alma e torna as pessoas desprovidas de qualquer emoção.

Frente aos desafios iniciados com o processo de mecanização² no século XVII, o homem passa a ser considerado um mero servo deste crescimento industrial. Destarte, com a modernização social e avanços tecnológicos no processo de ensino e aprendizagem, o homem ainda se depara no início do século XXI, com tímidas expectativas de mudanças para a sociedade, nas áreas tecnológicas, culturais, científicas, religiosas e sociais. Esta constatação tem nos preocupado, pois parte deste sofrimento é oriundo da repressão de afetos e sentimentos.

Desde o século XVIII, o homem é visto de maneira material, tanto pela ciência quanto pela sociedade mecanicista, como se o mesmo fosse desprovido de uma afetividade que o leve a expressar seus sentimentos e suas emoções. Hoje esse homem vive condicionado por um sistema que almeja o materialismo, tornando o ser humano mecanicista, movido pela

² Modelo de produção seriada nascente no período da revolução industrial e que proporcionou a reestruturação da sociedade. Assim, esse período de transformações possui como características marcantes crises e questionamentos, que promovem gradativamente a adequação, ou uma reavaliação da postura do Homem frente a este novo ferramental.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

praticidade, fazendo o mesmo esquecer que necessita trabalhar seu interior e suas relações afetivas consigo mesmo e com os demais. Essa herança cultural de mecanização do ser humano desencadeia na formação de jovens alunos fracos e que se sentem incapazes de controlar e, sobretudo, manifestar suas emoções.

Apesar de algumas transformações em todas essas áreas, ainda nota-se uma lacuna na vida afetiva deste ser, chamado homem. Em função disso, adentramos em uma das fases de sua existência, a adolescência, que é caracterizada como conflituosa e decisiva para os mesmos. Neste ponto, a escola enquanto instrumento de preparação no tocante ao cultivo de uma boa maturidade afetiva e emocional, assume um papel importantíssimo na vida desses jovens.

É preciso elucidar que “A escola em parceria com a família e à sociedade é reservado o papel de desenvolver a formação da criança para a cidadania, envolvendo conhecimentos, atitudes, habilidades, valores, formas de pensar e agir contextualizadas ao social para que possa participar de sua transformação” (ESCHER, 2006, p. 1). O papel social que a escola desempenha na vida dos discentes se caracteriza, sobretudo, quando enxergamos os avanços dos educandos naquilo que se refere à prática da cidadania.

Sabemos que uma das principais funções da educação é a de transformar realidades sociais, por meio de mecanismos de intervenção do homem na sociedade. Assim, segundo Freire (1986, p. 31) “A educação não é um processo de adaptação do indivíduo à sociedade. O homem deve transformar a realidade para ser mais (a propaganda política ou comercial fazem do homem um objeto)”. Portanto, para compreendermos o papel da escola é preciso entender que o ato de educar significa a capacidade de transmitir um legado, um saber constituído, ou seja, apresentar a vida aqueles que ainda não a viram. Esse é sem dúvida alguma, um dos principais sentidos da escola, enquanto instituição que é caracterizada pelo ato de educar e, por conseguinte, do educador na perspectiva de ser mediador nesse processo de “leitura de mundo”³ dos discentes.

2.2 A busca da felicidade

A afetividade na sua totalidade de compreensão vê o homem como ser que se completa com as partes gerando o todo. A felicidade é uma dessas partes, que desde as

³ Paulo Freire foi o primeiro teórico a usar o termo “leitura do mundo”. Ele diz que a leitura do mundo precede a leitura da palavra. Ou seja, antes de uma pessoa ser alfabetizada e aprender a decodificar, segundo esse preceito, ela já saberia ler implicitamente, mas não as palavras grafadas num livro, por exemplo, mas, a grosso modo, essa pessoa sabe ler a vida.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

civilizações antigas era buscada para dar sentido às vidas das pessoas, hoje não é diferente, pois é “matéria” de (re)construção da vida afetiva. Porém, o homem sempre questionou: onde está a felicidade? Onde podemos buscá-la? Somos de acordo que devemos sempre questionar sobre a sua existência pronta, assim como fez Augusto Cury

A felicidade não existe pronta, não é uma herança genética, não é privilégio de uma casta ou camada social. A felicidade é uma eterna construção. [...] Ser feliz é ser capaz de dizer “eu errei”, é ter sensibilidade para falar “eu preciso de você”, é ter ousadia para dizer “eu te amo” (CURY, 2005, p. 211).

A felicidade completa a afetividade. Não é possível sermos seres afetuosos, enquanto não descobriremos a grandeza de estarmos com o outro, de compreendê-lo, de perceber o significado de um bom relacionamento: isto é felicidade.

Enfim, a felicidade está na busca, contemplação e aceitação de tudo que parece efêmero, desde os insondáveis mistérios de Deus e beleza da natureza, até a mais simples das criaturas, seja animal ou racional.

2.3 A influência familiar e escolar: Um contributo para a prática pedagógica

A construção de uma prática pedagógica bem definida torna-se essencial no crescimento e melhoria do processo de ensino-aprendizagem, tendo em vista que existe significativa compatibilidade entre o modo de ensinar e as formas de aprender. Pois, à medida que ensino também estou aprendendo, bem como aquele que está aprendendo sempre é capaz de ensinar; essa troca mútua e permanente de experiências e conhecimentos nos proporciona a aquisição de novos saberes.

Precisamos elaborar novas propostas pedagógicas que, vislumbrem a construção de educandos mais assíduos e comprometidos com os nortes do percurso educacional. Alguns modelos teóricos presentes na literatura científica têm apresentado a importância das relações interpessoais na formação do conhecimento. Quando existe interação professor-aluno, sentimos que acontece fluidez entre as necessidades educacionais dos discentes e as respostas e metodologias pedagógicas que são disponibilizadas a essas necessidades, por parte do professor.

A prática pedagógica envolve, sobretudo, o domínio do conhecimento pelo professor, sua capacitação técnico-científica, a competência nas metodologias de ensino: pesquisas, qualificações, envolvimento com atividades sociais, domínio das emoções e controle



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

psicoemocional. Neste sentido, a família e a escola ocupam papel de destaque para o auxílio e contribuição dessa prática pedagógica. Não somente por tornarem-se modelos de referência, mas, sobretudo, por representarem o alicerce em que os primeiros modelos de comportamentos são produzidos. São nesses espaços – família e escola – que as crianças manifestam suas escolhas, seus sentimentos, seus medos, suas angústias, paixões, emoções e afetividade, de modo que, o desenvolvimento emocional dessas crianças e o adulto em que se tornarão será totalmente influenciado pela forma, como esses sentimentos serão enxergados pela família e pela escola.

Sabemos que nossas ações e conteúdos didático-pedagógicos são orientados e se perfazem em prol do crescimento humano, cultural e social dos educandos. Ações e conteúdos esses que, se apresentam pela mediação sem, no entanto, esquecer-se que o aluno é sujeito nesse processo e, como tal, suas sugestões e atitudes devem ser ouvidas e respeitadas.

Entretanto, nenhuma prática pedagógica será eficaz se não tivermos na família o suporte e apoio necessários ao processo de ensino-aprendizagem.

Assim como é comum que todos vejam a família como a primeira escola de formação da vida, da personalidade do homem, não seria diferente com a afetividade, pois é no seio familiar que se estrutura toda a organização psíquico-afetiva. Monteoliva afirma que os pais são os primeiros e naturais agentes desta formação:

Nela se situa o direito inalienável e o dever irrecusável de apoio inicial e primário, físico, espiritual e emocional, no processo de desenvolvimento pleno de todas as possibilidades individuais dos filhos. A proposta dos valores que orientarão todo processo educativo na formação da filosofia de vida dos futuros adultos é atribuição exclusiva dos pais (MONTEOLIVA, 1990, p. 24 -25).

A escola neste arsenal de transformação contribui para uma contínua e sistematizadora descoberta e compreensão da formação afetiva. O ambiente escolar é propício de ser considerado pelos pais como um agente orientador de normas morais.

A escola ajudará na educação dos filhos como delegados da família em sintonia com os valores e na suplência de conteúdos e meios didáticos. Assim, a escola se constituirá em espaço de complementação da formação da personalidade dos educandos, num esforço e trabalho educacional dirigido conscientemente para o seu desenvolvimento integral. (MONTEOLIVA, 1990, p. 25).



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Inferimos que, no processo de socialização afetiva, o homem precisa ser agente de sua própria formação psíquico-emocional. As reações e transformações sofridas ao longo de nosso campo da afetividade precisam ser enfrentadas e vivenciadas, a fim de que nossos discentes e toda a comunidade escolar sejam construtores de sua personalidade e maturidade humano-afetiva, graças à compreensão das emoções e sentimentos.

2.4 Em busca de algumas respostas...

Neste ponto da discussão, temos uma preocupação constante de levar à família, às escolas e aos discentes uma proposta de conhecimento, aceitação e empoderamento de suas emoções. Pois, essa potencialidade, a saber, sentir-se senhor de suas emoções, é responsável pela construção de uma boa relação de convivência entre seres que necessitam estar em harmonia com os demais, sendo promotores de uma cultura de acolhimento, respeito e paz em nosso ambiente escolar, mas, sobretudo, fazendo-os sentirem-se sujeitos ativos no processo de ensino e aprendizagem.

Partindo de experiências vivenciadas na realidade da unidade de ensino em que atua o autor e, dos resultados colhidos na aplicação de um projeto pedagógico, sentimos a carência afetiva e emocional das comunidades que adentram os muros de nossa escola, sobretudo porque, no geral, encontramos famílias sem estrutura psíquico-emocional para trabalhar e se empoderar de suas emoções. Quando pensamos em tratar de maneira mais direta essa discussão, nos frustramos diante de alguns desafios: crianças que convivem com pais separados, violência doméstica, agressões físicas e verbais, alimentação inadequada e/ou até mesmo ausência desta, casos de homicídio na família, forte influência do uso de drogas, e, até casos mais graves como a remuneração financeira para o transporte e tráfico de drogas.

Aparentemente, nos sentimos inseguros e impotentes diante dessa realidade, prisioneiros de um sistema político-social que ao invés de ser organizado pelo Estado, é dominado pelas organizações criminosas em nível local, sendo as mais conhecidas: a “okayda” e “Estados Unidos”, mesmo fazendo parte de um processo e um espaço libertador: a educação e a escola. Tomando como fundamentação as ideias presentes nas obras freirianas, tais situações nos colocam frente a realidades como: indisciplina, ausência escolar, evasão escolar, desmotivação nos estudos, falta de perspectivas de melhorias, mas, sobretudo, apologia ao crime, crescimento dos índices de drogas e prostituição em nossa escola.

Assim, urge a necessidade de encontrar possibilidades de enfrentamento destas realidades. A prática do diálogo, o confronto com a realidade e o



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

“próprio eu”⁴ do aluno, acompanhamento psicopedagógico, terapias, atividades lúdicas, envolvimento com projetos sociais, parcerias entre instituições e melhor qualificação do profissional de educação, se configuram como alternativas de confronto a essas realidades, as quais perpassam pelo campo da afetividade.

A participação efetiva e afetiva da família na vida escolar dos filhos representa uma atividade de extrema importância, quando precisamos lidar com cenários preocupantes, como os já mencionados acima. Sabemos que a família é considerada uma das colunas de sustentação da escola; também é de nosso conhecimento que nenhuma estrutura arquitetônica consegue permanecer firme quando uma de suas colunas é subtraída e/ou encontra-se com “fissuras”.

Ao longo da história da educação no Brasil sempre foi uma preocupação constante a participação e o acompanhamento da instituição familiar na vida de seus filhos, esse elemento de desassossego perdura até os dias atuais, já que é nosso objetivo a formação da criança para a cidadania por meio desse elo de unidade entre família, escola e sociedade. Entretanto, é importante falar que essa participação ativa e efetiva dos pais tem feito a diferença na realidade de muitas escolas. Aqui podemos mencionar o crescimento na qualidade do processo de ensino-aprendizagem, a diminuição da evasão escolar, acentuada conduta de disciplina e a melhoria na estrutura física dessas escolas.

Desse modo, sendo a família responsável pela formação ética e moral de seus filhos, isto é, a construção de princípios, é imprescindível que a mesma exerça seu papel, do contrário a escola não conseguirá desempenhar bem a sua função. “A educação ocupa o espaço de esperança na dinâmica da sociedade. Família, escola e sociedade são chamadas a compor uma unidade em prol deste desafio, que requer um rever contínuo de crenças, valores, princípios e ideais” (ESCHER, 2006, p. 1).

3 CONCLUSÃO

O desenvolvimento destas discussões proporcionou o amadurecimento do objeto de estudo que pretendemos com esta pesquisa – as relações afetivas – em particular a importância da afetividade nas relações de ensino-aprendizagem que são marcadas pelo contato entre educador/educando/família.

⁴ Fazemos referência à essência do indivíduo, ao enfrentamento de suas mazelas, às limitações e aos seus deméritos sociais.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Assim, compreendemos que a afetividade deve ser trabalhada com maior acuidade no ambiente escolar, dado o descaso e maus tratos que esta temática vêm sofrendo nos ambientes: familiar e educacional. Por isso, procuramos observar os afetos como elemento formador de princípios, normas e limites no espaço escolar, características necessárias e, extremamente relevantes no processo de ensino aprendizagem.

Com isso, afirmamos que a afetividade precisa e pode ser ressignificada no contexto escolar, basta que encontremos profissionais da educação dedicados e comprometidos, pais envolvidos e, também, se sentindo responsáveis pela aprendizagem de seus filhos e educadores de olhar sensível e convencidos de que sentimentos e emoções podem ser fatores positivos no processo ensino-aprendizagem.

REFERÊNCIAS

ADAS, Sérgio. **Propostas de trabalho e ensino de filosofia:** especificidade das habilidades; eixos temático-históricos e transversalidade. São Paulo: Moderna, 2012.

ARANHA, Maria L. de Arruda. **Temas de Filosofia.** São Paulo: Moderna, 1992.

BOCK, Ana M. Bahia. **Psicologias:** uma introdução ao estudo de psicologia. 13ª ed. São Paulo: Saraiva, 2002.

CURY, Augusto J. **O futuro da humanidade:** a saga de Marco Polo. Rio de Janeiro: Sextante, 2005.

ESCHER, Ana Maria Macedo Lopes. **Pedagogia e educação infantil.** Paraná: Mímeo, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

_____. **Pedagogia da Autonomia:** Saberes Necessários para a Prática Educativa. 20ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

KELLER, Fred S. e SCHOENFE, Willian N. **Princípios de Psicologia.** Tradução de Carolina Martuscelli Bosi e Rodolfo Azzi. São Paulo: EPU, 1973.

KRECH, David. **Elementos de Psicologia.** Tradução de Dante Moreira Leite e Miriam L. Moreira Leite. 6ª ed. São Paulo: Pioneira, 1978.

MONTEOLIVA, José M. **O dilema da sexualidade.** São Paulo: Vozes, 1990.

REZENDE, Antonio. **Curso de Filosofia:** para professores e alunos dos cursos de segundo grau e graduação. 12ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zarar, 2004.